



Fofocas, boatos e rumores: OS portugueses em Londres (1808-1822)

Luís Francisco Munaro¹

¹ Luís Francisco Munaro é doutorando em História pela UFF (Universidade Federal Fluminense), sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Pereira Neves. E-mail do autor: luismunaro@yahoo.com.br

Resumo:

A comunidade de portugueses formada em Londres entre 1808 e 1822 tem excelentes representantes intelectuais: Hipólito José da Costa, Bernardo Rocha Loureiro, José Liberato e Joaquim de Freitas são os principais. Na estrutura dos jornais por eles criados, a razão às vezes se confunde com outros tipos de dispositivos de convencimento. Este texto objetiva perceber como as formas mais complexas de imaginação política descem aos níveis mais elementares de boatos e fofocas, patentes na descaracterização do adversário de forma a impugnar a sua argumentação. Noutras palavras, especular sobre como a fofoca se torna um rumor generalizado e ganha espaço na estrutura dos jornais.

Palavras-chave: jornalismo, história, fofoca, taverna City of London, Padre Amaro

Abstract:

The Portuguese community formed in London between 1808 and 1822 has excellent intellectual exponents: Hipólito José da Costa, Bernardo Rocha Loureiro, José Liberato and Joaquim de Freitas are the most popular. In the structure of the newspapers they created, the reason is sometimes confused with other types of devices of persuasion. This text aims to understand how the more complex forms of political imagination descend to lower levels of hearsay and gossip, patents on mischaracterization of the opponent in order to challenge his arguments. In other words, speculate on how gossip becomes a widespread rumor and gain space in the structure of newspapers.

Keywords: journalism, history, gossip, tavern City of London, Padre Amaro.

Norbert Elias, em *Estabelecidos e Outsiders*, dedica-se a estudar a “estrutura das fofocas” e através dela perceber como o trânsito de ideias muitas vezes pouco racionais era responsável pela coesão do grupo mais antigo da cidade “Winston Parva” (ELIAS e SCOTSON, 2002). Essas fofocas premiavam os membros “estabelecidos” através de *pride gossips*, ao mesmo tempo em que denegriam os neófitos através de elementos depreciativos, *blame gossips*. O fluxo de fofocas, mantido em funcionamento pelos mexericos da comunidade, ajudava a disseminar o costume e manter a comunidade estável, alheia a padrões de comportamento que pudessem desestabilizá-la. Destarte, Elias descobriu como minorias poderosas controlavam o pensamento coletivo através do domínio dos fluxos de comunicação cotidianos e ajudou a pensar a fofoca, mais que um dispositivo inofensivo ou a exteriorização de um pensamento raso, a encarnação das estruturas de comportamento que permitem a continuidade da comunidade. A posse desses canais de fofoca, portanto, caracteriza uma forma sutil de domínio. Norbert Elias assim resume que a análise da estrutura das fofocas,

[...] talvez ajude a dar uma ideia mais clara da dinâmica da hierarquização; ela mostra até que ponto as minorias poderosas, funcionando como uma espécie de líderes das fofocas, são capazes de controlar as crenças de uma rede mais ampla de vizinhos e de influenciar a circulação de boatos laudatórios ou depreciativos, bem como os padrões usados (ELIAS e SCOTSON, 2000: 83).

Essa “estrutura de fofocas” também foi notada por Jason M. Kelly, em seu estudo sobre a *Sociedade dos Diletantes*, relativo à primeira metade do século XVIII em Londres (KELLY, 2006). Para o autor, as *coffeeshouses* possuíam um papel fundamental na disseminação de boatos laudatórios e depreciativos. Comprovam-no as várias tentativas da Coroa Inglesa em proibir a instalação de novas *coffeeshouses*, bem como os processos envolvendo indivíduos que as utilizavam para denegrir elementos da família real. Kelly sugere ainda que as conversações cotidianas que aconteciam nesses espaços ajudavam a estruturar as identidades coletivas de pequenos grupos e afirmar ou derrubar reputações individuais. E, o que é mais importante, os fluxos de conversação mais simples podiam se tornar uma corrente mais forte de crenças e convicções, os rumores, abandonando o caráter privado de comunicação entre indivíduos de comunidades pequenas e alcançando redes bem mais largas de intrigas (KELLY, 2004: 763).

Nesse sentido, o frutífero estudo da comunidade portuguesa emigrada em Londres entre 1808 e 1822 pode oferecer elementos importantes para pensar a dispersão da fofoca e, principalmente, a relação da fofoca com o libelo e mesmo com a atividade jornalística. O microcosmo português em Londres é formado, sobretudo, de exilados políticos que fugiram de Portugal durante a invasão de Napoleão Bonaparte. A despeito da relativa limitação da comunidade em termos numéricos, pode-se pontuar sua importância enquanto vanguarda intelectual pelo lançamento de grande número de periódicos e panfletos. Entre os elementos intelectuais mais ativos estão o brasileiro Hipólito da Costa, Bernardo da Rocha Loureiro e José Liberato, autores, respectivamente, dos jornais *Correio Braziliense* (1808-1822), *O Espelho* (1814) e *O Português* (1814-1822) e *O Investigador* (1814-1819) e *O Campeão* (1819-1821). Na estrutura destes jornais, argumenta-se a necessidade de o Reino Luso-brasileiro

assumir uma ou outra configuração política, debates que se tornam um tanto mais acalorados nas durante as Cortes de Lisboa de 1821-2.

A situação adquire maior teor dramático quando o frade Joaquim de Freitas, vindo de Paris, inaugura o seu periódico *O Padre Amaro*, em 1820. Freitas não frequenta a taverna *City of London*, que então concentra os indivíduos portugueses autoproclamados liberais. Sua situação extravagante fará com que seja vítima constante dos mexericos situados na taverna, que monopolizam a vida intelectual dos portugueses em Londres. Para além das formas mais simples de fofoca, essa atividade nos permite perceber como formas complexas de imaginação política muitas vezes descem aos níveis mais elementares de boatos e fofocas, intentando a descaracterização do adversário de forma a impugnar a sua argumentação. Esses meios subterrâneos difundem informações sobre, principalmente, conspirações contra o rei ou detalhes da vida pessoal dos implicados, conluios formados por parentes ou amigos de longa data. Ao mesmo tempo, testa-se a hipótese de Robert Darnton relativa ao fluxo de informações que redundam na construção de notícias escritas. Darnton argumenta que a sociedade parisiense do século XVIII foi pioneira na era da informação e, para prová-lo, recorre ao fluxo constante de retroalimentação entre canais orais e escritos. Sobre a dispersão de uma notícia, ele pontua:

Primeiro, começou como *mauvais propos*, ou fuxico interno da corte. Segundo, tornou-se um *bruit public*, ou rumor generalizado em Paris, e o texto usa uma expressão forte: ‘a opinião geral do público’. Terceiro, foi incorporado às *nouvelles à la main*, ou folhas escritas de notícias, que circulavam nas províncias, como a de Mme Doublet. Quarto, foi impresso num *libelle*, ou livro de escândalo – neste caso, um best-seller, que teve várias edições e conquistou leitores em toda parte (DARNTON, 2005: 51-2).

De uma forma geral, os fuxicos internos da comunidade portuguesa, concentrados na *City of London*, tornam-se rumores generalizados mesclando-se com as próprias pautas dos jornais, a que, sob determinadas circunstâncias, pode-se considerar como verdadeiros *libelles*. O estudo dos jornais portugueses, ainda que busquem a todo o momento se aproximar das virtudes da razão configurando seus jornais como enciclopédias contendo as “memórias do tempo”, permite perceber a necessidade do fuxico ou rumor, como estratégia mais simples para desconsiderar a argumentação do adversário político.

A taverna *City Of London*

O papel da fofoca, como observou Sally Merry, se torna ainda mais pronunciado em comunidades que buscam reatar os seus laços perdidos, sobretudo aquelas que se encontram no estrangeiro (MERRY, 1984: 290-2). A fofoca se entrelaça com outros mecanismos de comunicação criados pela comunidade, como a própria imprensa. No caso dos portugueses emigrados em Londres, há uma nítida e constante tentativa de reatarm os seus laços fragilizados com as invasões napoleônicas. Para tanto, constitui impulso ativo de reunião a construção de um *club* no molde das associações congêneres em Londres, que acabou por reunir elementos ligados ao comércio. O *club*, criado efetivamente em 1810, se

concentrava na taverna *City of London*, assim como o *club Brazil's Trade*, organizado por comerciantes ingleses com interesses no Brasil. De uma forma geral, os jornais surgidos no bojo dessa comunidade são porta-vozes bastante sonoros dos interesses dos negociantes.

A pretensão declarada destes jornais, uma vez enciclopédica, buscava afastar rumores inserindo documentos oficiais que, em sua concepção do real, guardavam o que existia de mais fiel com relação aos eventos em curso. Nas complexas vias de organização do imaginário social, contudo, a vulgata de ideias políticas era muitas vezes expelida em rompantes turbulentos. De forma similar como acontecia na *Winston Parva* de Norbert Elias, a imagem do outro era rapidamente construída através de canais de informação movimentados por mexericos. Os ingredientes que somam o rumor ao político podiam mobilizar vastos conjuntos de indivíduos e levá-los a esforços hercúleos. Desta forma, mapear o percurso do rumor é uma tarefa que, devidamente considerada, contribui para o entendimento do processo comunicacional e histórico de forma mais ampla. Quer dizer, considerando a estrutura dos jornais nem como um conjunto de atos individuais e nem como blocos de ideias que surgem agregando indivíduos debaixo de compactos homogêneos de crenças. Sua estrutura é o resultado de um aglomerado de dispositivos de comunicação, inclusive as mais simples e singelas fofocas.

O primeiro fator a ser considerado é que a sociedade inglesa, dentro da qual os portugueses buscam sobreviver e reatar os laços, argumentando determinadas formas de organização política do seu Reino, é essencialmente distribuída em torno dos *clubs*. A vida masculina da cidade gira em torno desses espaços que, de quebra, ajudam a configurar e reforçar determinados laços de identidade entre os frequentadores. Como argumenta Brian Cowan:

In the “clubbable” world that was London, individuals’ reputations—and the gossip and rumor that surrounded them—affected their association with the multiple organizations of which they were members. This meant that the reputations and, consequently, the activities of any one club or society—even those with fundamentally different purposes—could be influenced by that of the others. Because of this, gossip and rumor in any sector of one’s life had the possibility of wide-ranging consequences for the “associational world” of eighteenth-century London (COWAN, 2004: 43).

A ideia de que as conversas perpetradas nesses espaços conferem ao indivíduo a possibilidade de ser *clubável*, quer dizer, participante das práticas e crenças necessárias para pertencer a um *club*, nos permite traçar um sugestivo itinerário com relação ao *club* de portugueses em Londres. A taverna *City of London*, regularmente mencionada pelos periódicos portugueses, tem importância vital para a configuração da identidade do grupo e para a manutenção de canais regulares de informação entre os portugueses de ideias consideradas *liberais*. Os elementos considerados impróprios pelo grupo eram expelidos pela fofoca laudatória que acabava se tornando um *bruit public* ou um *scandal*. Isso aconteceu, por exemplo, durante a saída de D. Domingos da embaixada portuguesa em Londres em 1815, motivada por um amplo conjunto de vozes negativas que exigiam a retirada do embaixador, tornando-o o principal culpado pela deterioração da indústria portuguesa. Por

outro lado, a fofoca e o rumor, ao se inserirem dentro da narrativa cotidiana na qual os indivíduos tomam parte, ajudam a preservar estruturas sociais e facilitam a manutenção das características do grupo, funcionando como um artifício essencialmente conservador. Nessa medida, ainda que os *clubáveis* da *City of London* considerem-se unanimemente liberais, eles expelem a presença de indivíduos que, como no caso de um D. Domingos, aparecem carregando, direta ou indiretamente, as estruturas de poder do Antigo Regime. Sobre a introdução do Embaixador na taverna, Hipólito da Costa comenta:

Que a introdução do Embaixador no *Club* havia produzir a sua aniquilação; pois ele não entrava lá para outro fim; foi coisa prevista; por quem o disse a alguns dos membros, que não negarão certamente este fato; nem é grande milagre, que um homem diplomático soubesse embolar negociantes, cuja vida, e costumes, é tão diferente *das intrigas da corte*, que podia manejar quem se achasse dentro do *club* (*Correio Braziliense*, Agosto de 1813, p. 226, grifos nossos).

Segundo Hipólito, D. Domingos é um intriguista. Na verdade, a fofoca é um recurso comum em espaços de sociabilidade. O problema com D. Domingos é ele carregar símbolos e uma retórica concernentes a uma forma de sociabilidade considerada ultrapassada. Quando o Embaixador se retira, Hipólito comemora:

Outro estabelecimento de que se lembraram os Portugueses em Inglaterra foi um Club em Londres, organizado segundo as formas dos Clubs ingleses. Este ajuntamento prometia grandes vantagens; porém fosse ignorância, fosse maldade de alguns poucos de seus membros, admitiu-se no Club o Conde de Funchal, que com a sua infeliz qualidade de estragar tudo em que se mete, em pouco tempo reduziu uma associação, que prometia muitos dias de felicidade e harmonia a seus membros, a uma fonte de intrigas e rixas; aproveitando-se dos homens de mau caráter, que sempre se acham em todas as associações, fez com que lhe escrevessem uma carta de nauseosa adulação, que se mandou imprimir, com novos estatutos, que sob seus auspícios se deram a este Club. Estas e outras misérias de alguns indivíduos, guiados pelo Conde Funchal, desgostaram toda a gente; e estava o Club quase deserto, quando a feliz saída de S. Exa. da Inglaterra, removendo a fonte de discórdia melhorou logo o estabelecimento; e se diz; que muitos Portugueses dos de melhor nome e graduação deram o seu nome para membros do Club, logo que o Conde foi tirado do lugar de Embaixador em Londres (*Correio Braziliense*, Dezembro de 1815, p. 752-3, grifos nossos).

Hipólito deixa de considerar que também a taverna se converte num pólo produtor de intrigas e boatos contra elementos considerados indesejados. De quebra, o burburinho generalizado que perpassa a taverna constitui um impulso ativo para a redação de notícias no jornal. Como percebe Jurgen Habermas na sociedade *clubável* de Londres, a proximidade entre a palavra escrita e falada tornava muitas vezes os jornais cúmplices do burburinho

generalizado. O filósofo diz:

Os artigos de jornais não só são transformados pelo público dos cafés em objeto de suas discussões, mas também entendidos como parte integrante deles; isto se mostra no dilúvio de cartas, das quais os editores semanalmente publicavam uma seleção. As cartas dos leitores, quando o *Spectator* se separa do *Guardian* recebem uma instituição própria: na parte Oeste do café *Button's* é colocada uma cabeça de leão, por cuja garganta o leitor podia jogar as cartas. Também a forma de diálogo, que muitos artigos mantêm, testemunha a proximidade da palavra falada. Transporta para um outro meio de comunicação, continua-se a mesma discussão para, mediante a leitura, reingressar no meio anterior, que era a comunicação (HABERMAS, 1984, p. 59).

Nestes jornais, há uma tentativa contínua de direcionar o leitor para uma apreciação negativa de determinados indivíduos sem que haja, por outro lado, dados substantivos contra eles. O que primeiro cabe observar, em todo o caso, é que os jornais relutam ativamente em inserir dados inverossímeis já que, na condição de “escritores públicos”, devem se orientar pela “verdade” e pelos “ideais patrióticos”. Hipólito da Costa reconhece que a função da imprensa é justamente refutar o comentário negativo que corre pelos subterrâneos, contra o qual os indivíduos não têm a possibilidade de contra-argumentar. Daí ele repousar no “documento oficial” como uma fonte de notícias que retrata com fidelidade determinado momento de importância histórica, enquanto o boato e o rumor nada revelariam por si mesmos. Ele acrescenta que o rumor só pode ser coibido pela vontade franca de os governos promoverem a liberdade de impressão, possibilitando assim que qualquer um entre na arena de interação social produzindo os seus argumentos:

[...] enquanto o rumor anda como escondido e passando ao ouvido, não tem aquele, que é vítima dele, meios de o refutar; e aparecendo impresso, pode achar-se em forma não vaga, mas definida e certa, e assim pode o lesado refutá-lo com precisão, ou requerer o castigo do caluniador, se o insulto valer a pena desse procedimento (*Correio Braziliense*, Março de 1819, p. 317)

De forma similar, Rocha Loureiro logo adverte os seus leitores acerca do malefício causado pela informação inverossímil.

[...] o Redator dará parte de todos os acontecimentos militares do mês, extraídos, e verificados pelos ofícios, e notícias certas, segundo a crítica prudente, por modo que apareçam em seu estado natural, diminuídos do corpo fantástico com que a paixão ou o interesse pode avultar os sucessos; não entrarão portanto em linha de conta os boatos, ou conjeturas, que vindo, pela maior parte, de fonte incerta, e corrupta, são tão próprios para desfigurar a verdade, como o são para alimentar uma doença, que por desgraça em nossos tempos tem grassado muito, isto é, a sarna ou comichão política (*O Portuguez*, Abril de 1814, p. 3).

No entanto, tão logo as coisas esquentam no tabuleiro de jogos, os escritores se veem diante da necessidade de plantar informações negativas sobre os seus adversários ou, então, simplesmente publicar os boatos que considerem verdadeiros. A busca pela verdade, aspecto insubstituível da deontologia jornalística, é deixada de lado pela faina em auxiliar elementos próximos (de uma forma geral, liberais frequentadores do *club*) e afastar inimigos. Evidentemente, essa tarefa é, na maior parte dos casos, destinada para a seção “correspondência”, onde os impropérios podem correr com maior liberdade. A entrada em cena de Joaquim Freitas, autor do jornal *Padre Amaro* entre 1820 e 1826, acende um círculo de insultos que gira em torno da adesão ou não à Revolução Liberal do Porto. O redator se dispõe a defender um político relativamente recente em Londres, o Conde de Palmella, para tanto investindo contra as associações perversas de Hipólito da Costa com o Comendador de Sodrê e Heliodoro Carneiro. Ele atribui aos três todas as informações negativas publicamente plantadas contra do Conde e também o libelo *Pièces Politiques*, que acusava o Marquês de Marialva, então em Paris, de ter pretensões ao trono português:

[...] as intrigas do célebre triunvirato, que profana no excesso de sua feroz demência os nomes mais ilustres, e não tem pejo de lançar seu veneno sobre a inocência humilde que geme na vida privada sempre com os olhos fitos na Real Clemência que tem restituído já à grande família alguns dos filhos, que dela separarão as calamidades do tempo [...] A generosa nação portuguesa se envergonha de reconhecer por filhos esses autores da infâmia e da calúnia que tanto nas *pieces politiques*, como nas cartas que inseriu o *Correio Braziliense*, só respiram baixaza, servidão, ideias anti-liberais e até mesmo! Ó vergonha! O sórdido desejo de vender a pátria a alguma intriga estrangeira (*Padre Amaro*, Julho de 1820, pp. 95-6).

Segundo o parecer de Freitas, pode-se reconhecer nestas *Pièces Politiques* um *libelle*, resultado direto da *mauvais propos* agenciada por Heliodoro e o Comendador Sodrê, ambos em Paris, apesar da autoria declarada de um tal Bosquet-Deschamps. Depois de tornada um *bruit public* contra o marquês de Marialva, foi eternizada na forma escrita. Como a maior parte dos *bruit publics*, este acusa uma conspiração contra os valores mais estáveis da comunidade política, encarnados na figura do rei. As *Pièces Politiques* são um singelo opúsculo de 18 laudas em que se questiona a sucessão ao trono pela Casa de Lafões e Cadaval, à qual se encontra ligado o Marquês de Marialva. Segundo o escritor, “on le dit intimement lié avec M. de F.*** l’un des secretaries de la régence de Portugal. On croit que ce dernier est ici le premier moteur du projet dont je vous parle, projet dont l’opinion et le *bruit public* paraissent appuyer la réussite” (BOUSQUET-DESCHAMPS, 1820, p. 18, grifos nossos). As *Pièces* acusam Marialva de permanecer em Paris, ao invés de ir para o Brasil, para poder melhor manejar estes esquemas sucessórios. Evidentemente, seu objetivo é colocar fogo na palha e desacreditar Marialva. O *Braziliano Estabelecido em Londres*, que Palmella declara, em suas memórias, ser ele mesmo (VASCONCELLOS, 1851, p. 15), anuncia no jornal inglês *The Times* que fará busca para descobrir o autor do libelo. E, em carta ao *Correio Braziliense*, *hum portuguez velho* escarnece da investida do Embaixador contra os moinhos de vento e corrige: “depois do que o autor aqui confessa, o resto são

inconseqüências e não libelos: libelo se poderia sim chamar contra o Secretário do Governo de Portugal e os supostos sócios” (*Correio Braziliense*, Julho de 1820, p. 103).

A entrada em cena do *Padre Amaro* acontece pouco antes de estourar a Revolução Liberal do Porto, em 1820. De uma hora para outra, não manifestar abertamente tendências liberais podia ser considerado perigoso. Freitas, através de correspondência que anexou em seu jornal, foi questionado por não ter se colocado manifestamente a favor da revolução (*Padre Amaro*, Outubro de 1820, p. 220). E, por meio de um longo circuito de insinuações, logo deixa conhecer quem é o seu interlocutor. Então, usando a ironia, Freitas questiona uma a uma as posições políticas de José Liberato, chamando-lhe *Asmodeu* por ter ficado tanto tempo escondido na botija. Além disso, sugere o iberismo do autor do *Campeão*, mencionando dados particulares de sua vida e seu *contentamento afetado nos salões*.

Já que tocamos neste particular (seja dito de passagem e fique entre nós o segredo), que o tal generoso amigo anda agora mui ufano, dando-se ares e tomares de ter sido a mola real da presente revolução, sendo certo que ela lhe saiu toda no sentido oposto às suas doutrinas políticas e morais, o que sem dúvida lhe está roendo a alma, apesar do *contentamento afetado que manifesta nos salões* (*Padre Amaro*, outubro de 1820, p. 229, grifos nossos)

De forma discreta, passa-se a tocar num ou noutro aspecto da vida particular dos indivíduos, deixando-se muitas vezes de lado o questionamento de suas ideias políticas. Freitas compara *O Campeão* com a cidade de Lisboa, onde tudo se começa e nada se termina, nunca deixando de ressaltar o caráter intriguista de José Liberato. O último, em suas memórias, reclamará da ingratidão manifestada pelo antigo amigo (CARVALHO: 1855, 129-30). Segundo Freitas, Liberato “exerce vinganças”, “desacredita famílias”, “verte veneno sobre as cinzas dos mortos”, tudo pelo fato de o autor de *O Campeão* ter se colocado prontamente a favor da revolução (*Padre Amaro*, outubro de 1820, p. 229). Freitas é a principal voz que contesta a Revolução Liberal e, em virtude disso, tem contra si a voz majoritária da comunidade emigrada. Começam então insinuações que serão a marca registrada do *Padre Amaro*: a acusação da venalidade dos outros redatores de periódicos. Se, como visto, Hipólito escrevia a mando do Comendador de Sodrê, Liberato juntou-se com o primeiro ricaço de Lisboa que se colocou a favor da revolução:

Se me chamassem para deputado nas Cortes talvez que me decidisse a aceitar: contaram-me que dissera o Mandão periodista [José Liberato] juntando ao dito um desdenhoso trejeito para sinalar a sua modéstia; e isto sabendo ele que se acham em Londres portugueses ricos, honrados e amantes de sua pátria, aos quais com todo o acerto competiria chamar não só para levarem ali seus cabedais, mas também para concorrerem por suas luzes e experiência ao restabelecimento do comércio (*Padre Amaro*, Outubro de 1820: p. 230, grifos do autor).

A subvenção que insinua Freitas diz respeito ao auxílio pecuniário proveniente de Custódio Pereira de Mendonça. Evidentemente, aqui o *contaram-me* é o mais importante para denegrir a imagem do adversário e assegurar a idoneidade das opiniões pessoais. Freitas diz estar sendo atacado pela cabala reunida na *City of London* e acusa seus

perseguidores de procurarem pelos assinantes de seu jornal. Então decide investir contra os seus adversários jornalistas denunciando as suas fontes de financiamento através de dados nem sempre muito fiáveis. Numa dessas arremetidas, por exemplo, Freitas acusa Hipólito de lucrar com o comércio da escravatura, já que este tem ações no Banco da Escócia. Quando estoura a Revolução Liberal, Freitas acusa Hipólito de estar lucrando também com a revolução:

[...] muito bem sabe o *Correio Braziliense* que a coisa é proveitosa, e que quem o *desgafeirou* há sido ter ele servido esse mesmo partido *Roevídico* de que recebeu soldada, e lambeu pratos por muitos meses aqui em Londres. Que excelente era então esse partido! Que famosos tratados! Que acertadas medidas! Que patriotismo! – *Se lhe dão dinheiro governa-se bem, se lhe não dão dinheiro governa-se mal* (*Padre Amaro*, Novembro de 1820, p. 390, grifos do autor).

Os contra-ataques de Freitas buscam se respaldar contra a grande influência exercida pela *City of London*. Recorrendo ao mesmo itinerário do boato, Freitas acusa Hipólito de ser um escritor em busca de fregueses:

[...] o C. B. andou correndo o mundo como um remendão vira casacas, carregado de remendos de diferentes cores em busca de freguesia, até que achou *fregueses* que o tomaram a seu serviço. Ora, se o C. B. escreve com o fim de espalhar verdades úteis para promover a prosperidade da sua Pátria, com o fito do bem público, e na estima de seus concidadãos, por que não o faz de graça? A resposta, prevemos nós, porque não quer ser alojado em *King's Bench*, por algum impressor, e que haja quem lhe diga, ainda em cima, que é pago por alguma Embaixada (*Padre Amaro*, Setembro de 1822, p. 203, grifos do autor).

Outros dados que alimentam esses canais de fofoca, cuja parte mais visível é o próprio jornal, dizem respeito à vida pessoal e aos conluios realizados por ministros em torno do rei. A partir deles, é possível criar condições mais claras para perceber como informações inverossímeis ou simplesmente argumentos *ad hominem* geralmente adquirem espaço na estrutura dos jornais.

As formas da fofoca

Mais do que insinuar fontes de financiamento, denegrir o adversário implica achincalhar os seus aspectos físicos, sua vida amorosa ou sua incompetência profissional. Hipólito, por exemplo, insinua o relacionamento homossexual de D. Domingos com os redatores do *Investigador*. Ele próprio é casado com Mary Ann-Bates e se autoproclama portador de uma vida regular, dentro da qual possui dois filhos. Escritores itinerantes como Joaquim Freitas e Rocha Loureiro, por outro lado, são mais suscetíveis aos boatos laudatórios. A ação dos mexericos geralmente incide sob aspectos menos racionáveis da realidade, que diferem, de forma primária, do cânone de gestos considerados aceitáveis pelo

grupo socialmente estabelecido. Depois da entrada em cena de Joaquim de Freitas, frade saído da Ilha da Madeira sob condições consideradas suspeitas, sua vida se tornou um prato cheio para os outros emigrados portugueses em Londres. Conforme crescia o prestígio do escritor, e na medida em que ia atacando os outros, crescia também a especulação sobre a sua vida pessoal. Antes de se passar um ano do início da redação do *Padre Amaro*, o *Correio* anexa a carta do *Genealogista*:

É o tal Padre natural da Ilha da Madeira; residiu por algum tempo em Lisboa, de onde fugiu perseguido por causa da Maçonaria: foi para a França, onde serviu de Ajudante de Caillé, o qual se achava encarregado por Bonaparte de saber e espiar o que se passava na casa do rei Carlos IV. Deitado fora desta ajudância [sic], foi para Madri buscar fortuna, onde armou várias lojas da Maçonaria, das quais se fez hábil tesoureiro, porque nunca ninguém mais soube do que veio ser dos fundos. Apesar de ser Padre, casou-se o Padre Amaro naquela cidade, em segredo, e com justificações falsas, com a amiga de Torre Fresno, e abalou dali para ir ser guarda-armazém do Exército Francês contra Portugal, quando o Coronel Freire lhe tirou a mulher em Torres Novas, justificando-se que o tal Amaro era Cura, como juraram alguns dos oficiais portugueses, que então se achavam no mesmo Exército; deste, e sem mulher, foi para Toulouse, onde enganou todo o mundo, ficou ali devendo mais de oitenta mil francos; e em Pó recebeu 25 luízes para comprar certas decorações para a loja maçônica, mas desapareceu com o dinheiro, e ainda estão ali esperando pelo Venerável. Depois em Paris se naturalizou Francês, em 1819, abjurando a Pátria, e como Francês solicitou e obteve uma patente de Livreiro, tendo contudo alugado a loja em nome de um Mr. Ducos, para assim melhor defraudar, como fez, os credores: fugiu por fim das garras destes e é hoje em Londres o Padre Amaro, periodista a soldo de Exmo. Sr. Comendador de Guerreiro (*Correio Braziliense*, Novembro de 1820, pp. 593-4).

Ora, atacar a idoneidade de Freitas aludindo à sua constituição familiar é também tentar estapear o próprio Conde de Palmella, considerado protetor do jornal. Freitas atribui os boatos contra ele aos membros do *Club*, que ele passa a chamar de *Comite Luso-Inquisitorial*. Ele responde Hipólito, o *Hércules com orelhas de Asno*, dizendo se tratar de um porta-voz dos interesses do Comendador Sodré e Heliodoro Carneiro, ambos em Paris. Sem papas na língua, Freitas discorre longamente sobre a vida amorosa dos dois últimos. O imenso anedotário de fofocas remonta ao círculo da Condessa de Oyenhausen em Londres (Cf. DOURADO, 1957) e vai até as aventuras dos diplomatas na França. Ao que tudo indica, os círculos palacianos parecem concentrar boa parte das informações vertidas em fofocas.

Este [Heliodoro] sendo introduzido no interior de uma família nobre e respeitável (da qual nem digno era de ser porteiro ou suíço) a título de aplicar medicamentos, a senhora velha, foi-se aplicando a seduzir a senhora-moça; matrimoniou com ela, e pouco tempo depois a deixou morrer de miséria e desesperação, chegando a tal extremo a sua perversidade que, depois da morte da esposa, assim sacrificada, em vez de regar com lágrimas de arrependimento as suas cinzas, andava aqui em

Londres procurando ama de cria, que não só cuidasse em criar a infeliz órfã, mas também servisse de acender uma Candeia pela alma da defunta. Com estas prendas andou ele em cata de uma por esta terra, onde há tantas, e a encomendou a um negociante Português, honrado e respeitável, que ainda hoje de horrorizado levanta os ombros acima da cabeça; quando se lembra da encomenda do animal *Lanzudo* (*Padre Amaro*, Dezembro de 1820, p. 480-1).

Heliodoro Carneiro casou com uma das filhas da Condessa de Oyenhausen, uma aristocrata fugida de Portugal acusada de fomentar “reuniões filosóficas”. Tão logo se tornou viúvo, sob, segundo Freitas, condições suspeitas, matrimoniou-se com um indivíduo do clã Carneiro Leão. Os matrimônios e aventuras amorosas tornam-se, nessa medida, os ingredientes preferidos para se colocar sob suspeita a idoneidade de um ou outro indivíduo politicamente importante. Sobre o Comendador de Sodré, Freitas acrescenta mesmo alguns detalhes pouco prováveis, incluindo o incesto praticado com o pai, nessa passagem:

[...] quadrúpede de diferente espécie, sendo casado em Lisboa com uma Senhora de muita honra e virtude, que o tirou da miséria e abandono em que estava; porque apesar de ser Morgado, se achava abandonado dos seus, e com uma maldição às costas, por ter cariciado as faces de seu honrado e venerável pai de uma maneira pouco conforme à natureza, à religião, e à moral; recebeu uma comenda, uma alcaidaria mor, e outras *pechinchas* em prêmio de serviços mui particulares; tirou-se de maus cuidados e veio para a França fazer um curso de *Diplomacia-amorosa* dando-se por solteiro, bonito, rico e Cavalheiro, prendas às quais não há *mademoselle* de 17 anos que possa resistir, e até as *mammans* quinquagenárias faz vir água à boca (*Padre Amaro*, Dezembro de 1820, p. 481).

Sobre a associação do Comendador de Sodré com Hipólito da Costa, Freitas afirma que o tal Comendador procurou-o antes buscando comprar a sua pena, para que se efetuassem ataques contra membros da diplomacia portuguesa. E, assim o fazendo, acaba por esclarecer a necessidade do circuito de fofocas para manter elementos indesejados afastados. Segundo Freitas, Sodré lhe dera dados sobre a credulidade do rei e da necessidade de manipulá-lo através de dados plantados nos jornais:

Na Corte do Rio de Janeiro, dizia ele [Sodré], crê-se tudo em que lá chega em letra redonda; bem entendido, não se dizendo mal do rei nem daqueles que tem as pastas dos diferentes ministérios, sobretudo da Polícia. Os que andam cá por fora bem o sabem; ora, por muito devagar que se lhes toque neste teclado, o som os há de despertar e aterrar por tal modo, que se não de ver precisados e capitular conosco; e, eis o diplomata feito em Midas; e eis o Diplomata feito um Midas. Tudo o que ele converter em ouro com este contato tiradas as despesas da impressão, ficará sendo propriedade do Editor; porque eu só quero para mim a restituição dos meus bens, comendas e empregos e uma corda para enforcar Salter, Miguel Forjaz, D.

Pedro Sevalhos (*Padre Amaro*, Dezembro de 1820, p. 481, grifos nossos).

A grande quantidade de ofensas e intrigas pessoais termina por aborrecer o próprio Freitas, que comenta a sua decepção na condição de escritor público:

[...] o que supúnhamos ser uma das principais virtudes de qualquer escritor, há sido aos olhos dos ultras um vício abominável, e aos olhos dos entusiastas uma fraqueza extrema, ou uma complacência criminosa. Aguçaram-se as línguas, excitaram-se as cabalas nos salões, espalharam-se boatos infames, despidos de toda a probabilidade e até do senso comum (*Padre Amaro*, Dezembro de 1820, p. 497).

A transformação do boato em rumor generalizado começa a partir de informações transmitidas oralmente até evoluir em senso comum dentro de um determinado grupo. A exteriorização de uma ideia relativamente agressiva contra um terceiro pressupõe que haja, no seio do grupo mais íntimo, algum respaldo. A maioria dos rumores diz respeito ao descompromisso de indivíduos públicos com o progresso de sua pátria, o que redundava, na prática, no crime de traição. Assim, durante a realização das cortes de Lisboa, a partir de 1821, vários indivíduos são acusados do crime de lesa-majestade ou de manifestarem interesses contrários aos ideais patrióticos. As associações de ministros em Paris e no Rio de Janeiro concentram boa parte da produção de rumores, cujo centro é Londres ou, mais precisamente, os jornais portugueses em Londres. “Correspondentes” costumam informar a respeito das *conspirações* que visam subjugar a pátria a interesses estrangeiros. E, como a Revolução Liberal do Porto catalisa, nesse momento, o esforço dos escritores públicos, tudo o que incorra no sentido de mitigar os seus sucessos é logo denunciado de forma depreciativa.

No Rio de Janeiro, os indivíduos que cercam o rei, sobretudo Thomás Antonio Villa-Nova e o Conde dos Arcos, tentam sugerir ao soberano, segundo Hipólito, ideias maliciosas. O Conde dos Arcos é primo do Marquês de Marialva e amigo do conde de Palmella. Essas amizades e parentescos suspeitos são utilizados por Hipólito da Costa para dar maior teor dramático ao relato. No corpo do *Correio*, antes de haver a dispersão do conteúdo laudatório, seu autor assinala o caráter impreciso do rumor, mas nem isso o impede de destilar a informação contra seus inimigos políticos:

Em Londres se tem publicado várias notícias, chegadas do Brasil, e com datas posteriores à recepção das novas da revolução de Portugal, naquele país. Não desejamos fazer-nos cargo de *rumores, cuja autenticidade não vem assegurada*; mas há um de tal importância, que julgamos importante mencioná-lo. Refere-se que, chegando ao Rio de Janeiro as primeiras notícias da Revolução no Porto, chamara o Rei a Conselho seus Ministros, para deliberar sobre o que se devia obrar: assevera-se mais, que nesse conselho votaram em sentido oposto os Secretários de Estado Conde dos Arcos e Thomás Antonio Villa-Nova Portugal: sendo este de opinião que se tomassem medidas para rebater e aniquilar os revolucionários; e o conde, que se atendessem ao desejo dos povos (*Correio Braziliense*, Janeiro de 1821, pp. 60- 1, grifos nossos).

O Conde de Palmella, através de maquinações junto ao rei, tentaria dissuadi-lo de praticar o bem dos povos. Essa argumentação se torna mesmo cansativa nas páginas do *Correio*. A alusão a conspirações ocultas são dia a dia reforçadas pelas análises dos jornalistas. E os rumores sobre Palmella continuam, ainda que Hipólito da Costa reconheça o caráter impreciso das informações repassadas:

Quanto aos rumores sobre o Conde de Palmella, tem-se dito abertamente que ele intenta propor no Rio de Janeiro o plano de vir a Lisboa o Príncipe Real, com uma Carta Constitucional, sancionada com o nome do Rei, mas feita segundo as ideias daquele fidalgo, sendo ele o principal conselheiro e executor dessas ideias (*Correio Braziliense*, fevereiro de 1821, p. 184).

Hipólito da Costa comenta ainda a disposição de seus rivais no tabuleiro político em disseminar boatos favoráveis a eles mesmos, reconhecendo, de quebra, a importância da fofoca para afirmar ou fragilizar a reputação de um indivíduo.

Temos visto nas gazetas francesas vários artigos que pretendem copiar extratos de cartas do Rio de Janeiro, cheios de elogios do Conde dos Arcos; em um deles até se disse que chegando o Conde à sua casa, vindo do Conselho de Estado, onde se tinha oposto às opiniões de Thomas Antonio, concorrera o povo ao Campo de Santa Anna para dar ao Conde aclamações e vivas. Quem mora no Rio de Janeiro, sabe que tal fato não sucedeu assim; e quem quiser usar de seu raciocínio, pode muito bem alcançar, que assim não podia suceder; pois o povo, vendo vir o Conde para sua Casa, não podia adivinhar o que ele tinha acabado de dizer no Conselho de Estado, para lhe dar por isso vivas e aclamações. O mais provável é que o Conde, primo do Marquês de Marialva, tenha na Legação de Paris amigos, *que assoalhem esses boatos*, como favoráveis ao partido Aristocrata, que o Conde de Palmella põe em jogo (*Correio Braziliense*, Fevereiro de 1820, pp. 170-1, grifos nossos).

Sem quaisquer fontes concretas, na sessão “Miscelânea” de seu jornal, Hipólito atribui todo um esquema de alimentação de informações que tem no Conde de Palmella, seu dissidente pessoal, o principal canal de escoamento. Estas disputas públicas alimentadas em espaços de convivência no nível pessoal, e que terminam na forma de boatos públicos laudatórios ou *libelles*, revelam as simpatias dos redatores e seus posicionamentos no tabuleiro de jogos europeu. Revelam maior proximidade, como no caso de Hipólito, de grupos de poder instalados no Brasil, encarnados na família Carneiro Leão e suas ramificações. No caso de Joaquim Freitas, revelam sua disponibilidade em assessorar o Conde de Palmella na refutação pessoal do *Correio Braziliense*, tarefa já declinada por José Liberato, apadrinhado de Custódio Pereira de Mendonça. A fofoca e, em último caso, o rumor, assumem a posição de arranhar a credibilidade de indivíduos considerados contraproducentes para a condução de projetos assinalados como liberais. Nesse sentido, convocar o leitor a tomar parte neste esquema de intrigas constituía uma forma de se posicionar no tabuleiro de jogos e de sugerir uma determinada forma de organizar o Reino

que começava a assumir a fisionomia de Estado Nacional.

Considerações finais

Os casos aqui explorados permitem ver como aspectos particulares da vida dos indivíduos assumiam grandes dimensões quando expostos nos jornais. Ainda que timidamente, colaboram para entender o funcionamento da sociedade de informação portuguesa, cuja rede de contatos se expandiu consideravelmente durante as invasões napoleônicas. Os jornais portugueses em Londres constituíram-se como forma privilegiada de resistência à invasão e, posteriormente, de crítica às autoridades luso-brasileiras. A ausência de censura na Inglaterra foi, nesse sentido, bem aproveitada. Os comentários corriam soltos nos jornais. A maior parte da trama urdida mensalmente nos jornais portugueses provinha de documentos oficiais e extratos de outras gazetas. Contudo, a aceleração dos eventos às vésperas da Revolução Liberal do Porto tornou as opiniões dos redatores cada vez mais importantes e, nessa mesma medida, também o seu discernimento a respeito de indivíduos considerados fulcrais para o andamento da monarquia portuguesa. Daí a boataria em torno de D. Domingos, do Conde dos Arcos, ou de Palmella assumir grandes proporções, ressaltando tantos aspectos negativos quanto possível. Evidentemente, estes boatos eram alimentados através do círculo mais íntimo e fechado de portugueses na sociedade londrina, que compunham um grupo socialmente estabelecido, ambientado na taverna *City of London*. Ainda que a rede de alimentações de notícias deva ser apenas induzida, a importância do *club* é abundantemente mencionada nos jornais: trata-se de uma conquista dos portugueses liberais. As vozes que defendem os comerciantes surgem junto com o *club* estabelecido na mesma taverna. Assim, o círculo mais íntimo exterioriza-se na forma de comentários vertidos na forma escrita, no processo que Robert Darnton identificou como iniciando no *mauvais propos* e terminando no *libelle*.

Evidentemente, o burburinho na taverna podia causar danos bastante duradouros contra os indivíduos tematizados pela fofoca. Como acrescenta Sally Merry,

Gossip not only attacks a person's honor and social prestige, however, but also leads to tangible political, economic, and social consequences. If a man loses his honor, he is denied full recognition and response from his community. He is rarely invited to major social events such as weddings, receives few visitors, and finds that his opinions in the coffee shop are ignored. When consensus concerning his moral standing emerges, he may find himself the subject of a satirical song, anonymously composed, which is remembered within the community and sung behind his back (MERRY, 1984: 281).

Os indivíduos que asseguravam sua freqüência na taverna *City of London* criaram um canal de fofocas bastante eficaz que repelia elementos considerados indesejados e, ao mesmo tempo, vertia tais “informações” através da bem consolidada imprensa portuguesa em Londres. Daí a tentativa, tanto a partir de D. Domingos quanto de Palmella, de responder os rumores sobre suas próprias condutas políticas e restabelecer sua combatida moral, ou mesmo proibir as publicações que partiam daqueles centros. Rumores que, como buscamos perceber ao longo deste artigo, partem muitas vezes de dispositivos de comunicação mais

simples, quer dizer, conversas. Não existe outro canal para o escoamento de dados sobre a vida particular dos indivíduos, sobretudo aqueles que dizem respeito à sua conduta moral íntima, o que torna os indivíduos dispersos do grupo mais coeso vítimas preferidas.

De uma forma mais ampla, supõe-se que os rumores a que Hipólito da Costa alude constantemente sejam dado corrente na pauta de fofocas da taverna. Aglomerando os elementos de vanguarda da sociedade portuguesa, esse ambiente se tornou também locutor privilegiado dos portugueses diante dos londrinos. Assim, indivíduos pouco afeitos a *politeness*, sobretudo porta-vozes de artifícios simbólicos característicos do Antigo Regime, podiam ter pouca aceitação e ser considerados fontes intermináveis de intrigas, como no caso de um D. Domingos.

Bibliografia

Correio Braziliense ou Armazém Literário, por Hipólito José da Costa. W Lewis: Londres, entre 1808 e 1822.

O Campeão portuguez ou amigo do rei e do povo; por José Liberato Freire de Carvalho. Londres. Julho de 1819 a junho de 1821.

O Espelho; por Bernardo da Rocha Loureiro. Londres, 1814.

O Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Literário, Politico, etc.; por Bernardo José de Abrantes e Castro, Vicente Pedro Nolasco da Cunha, Miguel Caetano de Castro e José Liberato Freire de Carvalho, Londres, entre 1811 e 1819.

O Padre Amaro, por Joaquim Ferreira de Freitas. Londres, 1820 a 1826.

O Portuguez ou Mercurio Politico, commercial e litterario; por João Bernardo da Rocha Loureiro, Londres, entre abril de 1814 e 1822.

BOUSQUET-DESCHAMPS, J. L. *Pièces Politiques*. Paris: Corréard, 1820.

CARVALHO, José Liberato Freire. *Memórias da vida*. Lisboa: Tipografia de José Baptista Morando, 1855.

VASCONCELLOS, J. J. dos Reis. *Despachos e correspondência do Duque de Palmella*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

COWAN, Brian. "The Rise of the Coffeeshouse Reconsidered." *The Historical Journal*, Vol. 47, No. 1, 2004, pp. 21-46.

DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DOURADO, Mecenas. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1957.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

KELLY, Jason M. Riots, "Revelries, and Rumor: Libertinism and Masculine Association in Enlightenment London". *Journal of British Studies*, Vol. 45, No. 4, 2006, pp. 759-795.

MERRY, Sally Engle. "Rethinking gossip and scandal". IN: BLACK, Donald. *Toward a general theory of social control* (Vol. 1 – Fundamentals). Orlando: Academic Press, 1984.

MUNARO, Luís Francisco. "Jornais, conversação e espaços na Londres iluminada." In: *Revista Entremeios* (versão digital). Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2011. Disponível em: <http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Jornais-esp%C3%A7os-Luis-Munaro.pdf> . Acesso em Dezembro de 2012.

MUNARO, Luís Francisco. *Aquela terra longínqua e sossegada*. O jornalismo de Hipólito da Costa (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em <http://www.posjor.ufsc.br/images/dissertacoes/> Acesso em Dezembro de 2012.